

GT-79



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

TESE DE LICENCIATURA

TEMA: CIDADE DE GURUE: ANÁLISE GEOGRÁFICA.

AUTOR: Valentim Luís Miguel

SUPERVISOR: Prof. Doutor Manuel Araújo

GT.79

Maputo, Agosto - 2003

CIDADE DE GURUÉ: ANÁLISE GEOGRÁFICA

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Geografia da Universidade Eduardo Mondlane por

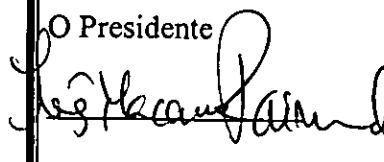
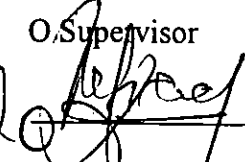
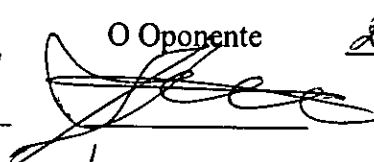
Valentim Luís Miguel

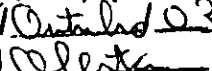
**Departamento de Geografia
Faculdade de Letras
Universidade Eduardo Mondlane**

Supervisor: Araújo, Manuel G. M.

Maputo, 2003-08-29

O júri:

			Data
O Presidente	O Supervisor	O Oponente	<u>201 08 103</u>
			

F. LETRAS U.E.M.
R. E. 2.9899
DATA 25 Outubro 03
AQUISIÇÃO 
COTA 97.79

314.145 (679)
M 636c

ÍNDICE

Conteúdo	Página
DEDICATÓRIA	i
AGRADECIMENTOS	ii
RESUMO	iii
ABREVIATURAS	iv
CAPÍTULO I	1
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Objectivos	2
1.2. Pressupostos	3
1.3. Metodologia	3
1.4. Algumas características da área de estudo	6
1.4.1. Aspectos físico-Geográficos	6
1.4.2. Resumo histórico	9
CAPÍTULO II	10
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	10
CAPÍTULO III	19
3. A CIDADE DE GURUÉ	19
3.1. Características da população da cidade	21
3.1.1. Evolução	21
3.1.2. Distribuição espacial da população	21
3.1.3. Estrutura etária e sexual	23
3.1.4. Ocupação da população	25
3.2. Infra-estruturas e serviços básicos	28
CAPÍTULO IV	35
4. DISCUSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	35
CAPÍTULO V	43
5. CONCLUSÃO	43
BIBLIOGRAFIA	45
ANEXOS	I

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha esposa Zaniba e aos meus filhos Higinio e Noémia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar ao Centro de Estudo da População (CEP) que financiou o meu trabalho. Agradeço ao meu supervisor Professor Doutor Manuel Araújo pelo conselho técnico e científico que me prestou durante o trabalho.

Agradeço aos meus pais, Luís Miguel e Maria Murromulia, e irmãos pela força, amor e carinho que me deram durante todos os meus estudos. Agradecimento especial vai para os meus padrinhos Higinio e Fátima, por terem me dado todo apoio e força durante o meu curso.

Aos meus amigos Araújo, Pedro, Raposo, Jornão e todos que não mencionei pelo apoio moral que deram para que este trabalho fosse uma realidade.

RESUMO

O presente trabalho enquadra-se no âmbito do cumprimento parcial dos requisitos exigidos na Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane para obtenção do grau de Licenciatura em Geografia. Com ele pretende-se procurar entender as dinâmicas e as relações entre a população, infra-estruturas e serviços básicos na cidade de Gurué nomeadamente o tipo de habitação, o abastecimento de electricidade, da água canalizada, do saneamento e os serviços de saúde e educação.

Para se por em prática, o estudo baseou-se no uso de diferentes métodos, numa forma combinada, tais como a revisão bibliográfica e documental. Foram consideradas como principais fontes a Comissão Nacional de Plano/Direcção Nacional de Estatística - CNP/DNE (actual INE), o censo de 97 e alguns documentos existentes localmente. Também foi feita uma visita ao campo onde se entrevistou, numa forma informal, algumas pessoas achadas influentes.

Dos resultados analisados consta que a população da cidade de Gurué cresceu no período entre 1991 a 1997 devido à guerra civil. As infra-estruturas e serviços não cresceram e algumas delas estão no estado de degradação. Há um grande desequilíbrio entre a população, as infra-estruturas e serviços básicos, existindo uma distribuição desequilibrada entre as infra-estruturas (saúde e educação) e a população nas localidades da cidade. As localidades com um número elevado da população têm um número reduzido das infra-estruturas.

ABREVIATURAS

ACNUR/PNUD – United Nation Agency for Refuges/ United Nation Development Programme

CNP/DNE – Comissão Nacional de Plano/ Direcção Nacional de Estatística

DDADRG – Direcção Distrital de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Gurué

DDEG – Direcção Distrital de Educação do Gurué

DHRG – Direcção do Hospital Rural de Gurué

EP1 – Escola Primária do 1º Grau

EP2 – Escola Primária do 2º Grau

EPC – Escola Prmária Completa

HP – Hidrotécnica Portuguesa

INE – Instituto Nacional de Estatística

INPF – Instituto Nacional de Planeamento Físico

IIRGPH – Segundo ~~g~~esenciamento Geral da População e Habitação

PARPA – Plano de Acção para Redução da Pobreza Absoluta

PPPDH – Perfil Provincial de Pobreza e Desenvolvimento Humano

UN – United Nation ~~s~~

CAPÍTULO I

1. INTRODUÇÃO

O conhecimento da população urbana, as suas características e dinâmica requer conhecer os intervenientes motivadores do processo de desenvolvimento dentro do espaço urbano. As infra-estruturas e serviços urbanos são elementos essenciais no meio urbano e o seu estudo passa necessariamente pela avaliação do número de unidades existentes, do seu nível de atendimento, bem como da qualidade do serviço prestado e das necessidades futuras. Só assim permitirá o conhecimento profundo da relação entre elas e a população.

Neste contexto, o presente trabalho que se enquadra no âmbito do cumprimento parcial dos requisitos exigidos na Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane para obtenção do grau de Licenciatura em Geografia, procura dar uma contribuição ao conhecimento sobre a dinâmica da população, infra-estruturas e serviços básicos nos pequenos centros urbanos em geral e na cidade de Gurué em particular.

A escolha da cidade de Gurué como área de estudo deveu-se ao facto de se caracterizar por alguns aspectos particulares que a distingue das outras cidades com a mesma dimensão e classificação como por exemplo a implantação de infra-estruturas agro-industriais de processamento do chá .

O trabalho está dividido em cinco capítulos. O primeiro capítulo consta da introdução, os objectivos, os pressupostos, a metodologia e breves características da área de estudo. No segundo capítulo apresenta-se o enquadramento teórico do tema em análise. No terceiro capítulo são apresentados os resultados do estudo. No capítulo quatro faz-se uma análise dos resultados e no capítulo cinco são avançadas algumas conclusões.

1.1. Objectivos

O objectivo central deste trabalho é de procurar entender as dinâmicas e as relações entre a população, infra-estruturas e serviços básicos na cidade de Gurué nomeadamente, a habitação, o abastecimento da electricidade, da água canalizada, do saneamento do meio, a saúde e educação.

Os objectivos específicos são:

- (i) Analisar as características da população da cidade em termos da evolução, distribuição espacial, estrutura etária e sexual e a sua ocupação principal;
- (ii) Conhecer a situação da cidade em termos de infra-estruturas e serviços básicos e a sua distribuição territorial;
- (iii) Procurar as relações que se estabelecem entre a população, as infra-estruturas e serviços básicos na cidade.

1.2. Pressupostos

Os pressupostos que são apresentados neste trabalho foram formulados a partir duma ampla revisão bibliográfica feita pelo autor em torno da problemática do crescimento demográfico e das infra-estruturas e serviços nas cidades. A partir dela e do conhecimento da cidade de Gurué, formularam-se os seguintes pressupostos:

- (i) A população da cidade de Gurué cresce a um ritmo relativamente superior em relação as infra-estruturas e serviços básicos.
- (ii) Há relação desequilibrada entre a população, infra-estruturas e serviços na cidade;
- (iii) A distribuição territorial da população, das infra-estruturas e serviços não é equilibrada dentro do espaço urbano.

1.3. Metodologia

De acordo com Valentei et al (1987:237), para melhor compreender e analisar a evolução da população nas cidades é sempre útil ter em conta os factores de crescimento. Segundo o mesmo autor, as principais fontes para o efeito são os censos, os registos civis, os inquéritos demográficos, dados dos órgãos do aparelho do Estado, registos eleitorais, etc.. Neste contexto, para alcançar os objectivos deste trabalho, foram considerados como principais fontes os dados da Comissão Nacional de Plano/Direcção Nacional de Estatística - CNP/DNE (actual Instituto Nacional de Estatística), do censo de 1997 e dos órgãos do aparelho do Estado ao nível provincial e distrital. No censo de 1980 Gurué não foi classificada como cidade por isso as estatísticas deste censo não vem apresentadas neste trabalho.

A cidade de Gurué¹ tem estatuto de um posto administrativo. Segundo o INPF (1986), abrange a área que corresponde ao posto administrativo sede. O Instituto Nacional de Estatística aquando da realização do censo de 97 classificou esta área como cidade de Gurué com seis localidades urbanas.

A consulta *bibliográfica* permitiu, de certo modo, a recolha de um conjunto de informação sobre os diversos aspectos relacionados com : (i) a urbanização e seus problemas no Mundo (países desenvolvidos e subdesenvolvidos), no continente africano e em particular Moçambique; (ii) a dinâmica da população e das infra-estruturas e serviços básicos nos assentamentos urbanos. Por outro lado, permitiu definir claramente os conceitos e elaborar um marco teórico para o tema em análise.

O trabalho de campo foi realizado em duas fases. A primeira teve como objectivo explorar a área de estudo e ao mesmo tempo estabelecer contactos com as autoridades locais e alguns membros comunitários. Foi nesta fase que se fez a selecção dos informantes chaves com base nos seguintes critérios: (i) ser representante dum órgão do Aparelho do Estado ao nível distrital e municipal e (ii) ser líder comunitário ou ser residente no bairro por mais de vinte anos.

Com o primeiro critério foram seleccionados os seguinte informantes chaves: administrador do distrito, presidente do concelho municipal, chefe dos serviços de urbanização ao nível do município e representantes das direcções de saúde, educação, coordenação de acção ambiental, agricultura, electricidade de Moçambique, Águas do

¹ A cidade de Gurué é a Sede do Distrito de Gurué

Gurué e das empresas de processamento de chá. Com o segundo critério foram seleccionados os seguintes informantes chaves: líderes religiosos (Padre da igreja católica, protestante e metodista) e chefes tradicionais das diferentes localidades urbanas da cidade.

Na segunda fase foi conduzida uma *entrevista informal* aos informantes chaves seleccionados previamente na primeira fase que consistiu numa simples conversa com objectivo de recolher sensibilidades sobre o tema. Nesta fase também foi feita a *consulta documental* que consistiu na recolha de dados dos diversos documentos disponíveis na área de estudo referentes a população, infra-estruturas e serviços urbanos básicos e a sua distribuição territorial.

Infelizmente não foi possível apresentar a divisão administrativa da cidade utilizando o método cartográfico porque a base de dados que existe, quer na Direcção Nacional de Geografia e Cadastro (DINAGECA) quer no Ministério para a Coordenação da Acção ambiental (MICOA) no departamento de Ordenamento Territorial, vai até ao nível dos postos administrativos. Como sempre vem sendo mencionado a cidade de Gurué corresponde a um posto administrativo. Com este método facilitaria de certo modo a compreensão da distribuição territorial das infra-estruturas e da população da cidade de Gurué nas diferentes localidades que a compõe.

Foi só com base nos dados colhidos nos documentos das diversas fontes consultadas e das informações recolhidas durante o campo que efectuou-se a organização, tratamento, análise, compilação e por último a elaboração do trabalho final.

1.4. Algumas características da área de estudo

1.4.1. Aspectos físico-Geográficos

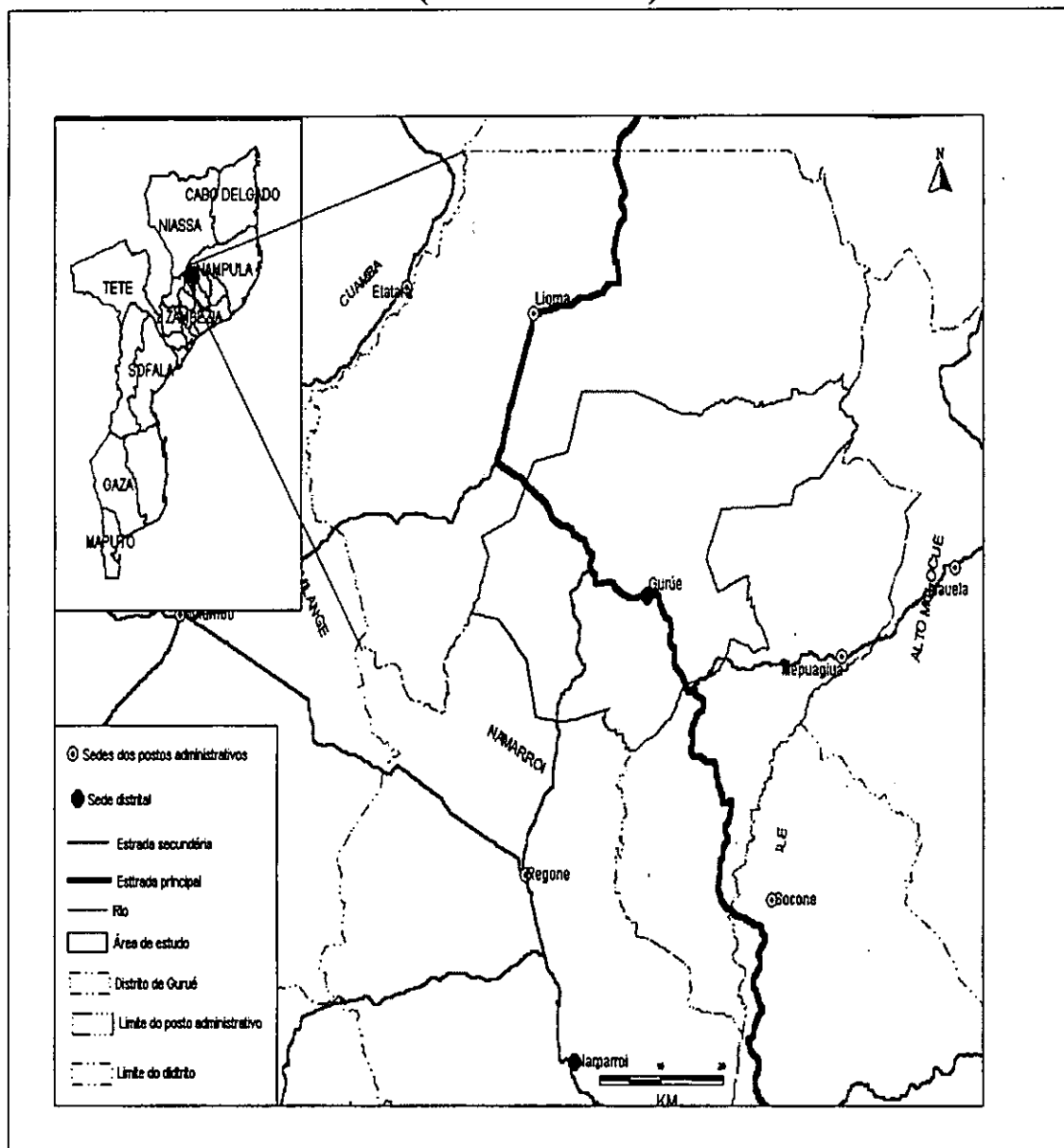
O distrito do Gurué está enquadrado no interior de Moçambique, na Província da Zambézia entre o Centro e Norte, com uma distância aproximada de 254 Km da costa e 139 Km da fronteira mais próxima – o Malawi (HP, 1972). Segundo o INPF (1993:6-7), *“a província da Zambézia está situada no centro de Moçambique e subdivide-se em três zonas naturais distintas, nomeadamente: o litoral densamente povoado; zona média onde a actividade económica é a cultura de algodão; e por último a zona alta onde se localizam extensas áreas de monocultura do chá”*.

Citando Mbeve (2002) a cidade de Gurué está localizada na alta Zambézia entre os paralelos 15° 23' de latitude Sul e no meridiano 35° 51' de longitude Este. Nos seus contornos físicos é limitada a Norte pelo Posto administrativo de Lioma; Sul, o Posto administrativo de Mepuagiua e distrito de Namarroi; Este, pelo posto de Mepuagiua e distrito de Alto Mulocué; Oeste pelo posto de Lioma (vide mapa 1).

A estrada Nacional nº 321 é a principal via de acesso de e para a cidade de Gurué. A cidade de Gurué dista a uma distância mais ou menos de 300 Km da cidade de Quelimane (capital da província da Zambézia). A cidade mais próxima é a cidade de Cuamba que se localiza na província de Niassa e dista cerca de 125 km.

)

Mapa 1. Enquadramento da Área de Estudo
(Cidade de Gurúé)



Fonte: Departamento de Geografia/ UEM

De acordo com estudos realizados pela hidrotécnica Portuguesa, em 1972 a cidade de Gurué encontra-se a uma cota aproximada de 700 metros de altitude. A temperatura média anual é de 22,4 C°, e a amplitude da temperatura média mensal ao longo do ano é de 8.4 C°. A humidade relativa média anual é de 74% e ao longo do ano há variações na média mensal entre um máximo de 81% em Abril e um mínimo em Outubro de 60%. A precipitação média anual é de 2011 mm, 68% dos quais caem nos meses de Dezembro Janeiro, Fevereiro e Março. O mês de Novembro é considerado como de transição da época seca para a chuvosa. Na estação seca, que abrange os meses de Maio a Outubro inclusive, concentram cerca de 13%, em média, da precipitação anual. Segundo a classificação de Koppen a cidade apresenta um clima tropical de altitude (HP, 1972:43).

De acordo com HP (1972), a paisagem é caracterizada pela existência de floresta higrófila² e numerosas linhas de água permanentes ao longo de todo ano que correm em forma de cascatas nos maciços rochosos nus de qualquer vegetação. Segundo a mesma fonte, devido a densa cobertura vegetal, as encostas dos maciços funcionam como áreas de regulação hidrológica permitindo que todas as nascentes e linhas de água que existem na cidade sejam alimentadas ao longo de todo ano. A cidade é atravessada pelo rio Licungo, a Norte, separando a área residencial e a área de plantação de chá pertencente à Unidade de Produção n° 4 e à Unidade de Produção n° 6.

² Actualmente pode-se verificar alguns indícios no estado primário em áreas de difícil acesso.



1.4.2. Resumo histórico

Parece ser quase impossível falar da cidade de Gurué como aglomerado humano sem tecer algumas considerações sobre as unidades produtivas lá implantadas com maior destaque as processadoras do chá. Em Moçambique, esta cultura foi introduzida por um italiano de nome Massete que na altura era encarregado da companhia de Lugela, na circunscrição de Lugela, junto da fronteira com o Malawi (HP, 1972:36). Na região do Gurué, ela foi introduzida em 1924 por um português de nome Junqueiro (DDADRG, 2000).

Segundo Dias (1981), em 1928, através do diploma legislativo nº 51/1928, foi criada a circunscrição civil do Gurué, área do antigo prazo lomwé com um posto administrativo no Lioma cuja sede, através da portaria nº 33/08/1958, viria a ser a Vila Junqueiro. Neste período, a Vila Junqueiro tinha grandes potencialidades agrícolas o que levou a conhecer unidades económicas que lhe conferiu o estatuto de centro urbano mais importante do distrito da Zambézia (actual província da Zambézia). Em reconhecimento destes aspectos, em 1972, através do B.O nº 24 série-I, a vila é elevada a categoria de cidade com a denominação de cidade de Vila Junqueiro.

Segundo o INPF (1986), a Assembleia Popular elevou dentre outros centros urbanos, o a vila Junqueiro a categoria de cidade através do artigo nº 1 da Lei nº 6/86 e concebida pelo concelho de ministros como cidade do nível "D" que abrange a área que corresponde ao posto administrativo sede com a denominação de cidade de Gurué.

CAPÍTULO II

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Citando Araújo (1997:53), *“é verdade que o conceito de urbano extravassa o de cidade, (..). Contudo é a cidade que, independentemente da sua dimensão, está no centro da definição do urbano, o que faz com que, muitas vezes, estes conceitos se confundam”*.

De acordo com autores como J. Rémy & Voyé (1992), citados por Araújo (1997:53) *“a cidade aparece quando se passa de uma situação de autoprodução de diferentes bens com valor social concreto, característica da aldeia, para uma fase onde a produção desses bens implica a sua circulação por sectores e lugares especializados. A cidade é, por natureza, centripeda, pois é o lugar que estrutura, coordena e organiza os vários campos de actividades que se encontram no interior de si própria”*.

Para Beaujeu-Garnier (1997:11), *“o importante é considerar que a cidade, lugar de concentração de homens, de necessidades, de possibilidades (trabalho, informação...), com uma capacidade de organização e transmissão, é ao mesmo tempo sujeito e objecto. Enquanto objecto, a cidade existe materialmente; atrai e acolhe habitantes aos quais fornece, através da sua produção própria, do seu comércio e dos seus diversos equipamentos, a maior parte de tudo o que eles necessitam.(...) Mas o colorário desta função objecto é um verdadeiro papel de integração, de função sujeito”*.

Segundo UN (1990:85), *“as cidades contribuem muito para o desenvolvimento sócio-económico assim como entram-no; são os centros de maior afluência populacional*

assim como de concentração da pobreza; oferecem as melhores condições de lazer assim como de piores lugares de agrado humano; elas reúnem alguns dos melhores serviços sociais a disposição da população do país, mas também apresentam os piores males sociais – sobrecarga das infraestruturas, más condições sanitárias e de saneamento, de tráfego e consumo de drogas, de alienação, de prostituição, de crimes, de degradação do meio ambiente e de poluição”.

“O aparecimento da cidade não implica, obrigatoriamente, uma ruptura cultural com o espaço rural circunvizinho, como se pode constatar nas pequenas e médias cidades, particularmente dos países em via de desenvolvimento (...). Numa primeira fase a cidade distingue-se visualmente e nitidamente do espaço circunvizinho, porque entre ela e as formas de povoamento rural mais próximas se observam terras cultivadas, áreas florestais plantadas ou com cobertura vegetal natural. No entanto, esta separação torna-se, à medida que a cidade cresce, menos nítida com a invasão progressiva do espaço que a rodeia, implantando novos bairros cada vez mais afastados do centro” (Araújo, 1997:54).

De acordo com Beaujeu-Garnier (1997:16), *“a população urbana é aquela que, ao mesmo tempo, vive num espaço com determinadas características, tem uma profissão fora da agricultura ou da pesca e pertence a um grupo de indivíduos com o mesmo tipo de actividades, de hábitos de vida e de consumo, que necessitam da presença e do trabalho de outros numerosos grupos de produtores, vivendo, em particular no mesmo espaço”.*

Citando Ricón (1984:12) e Araújo (1997:18), os critérios utilizados para definir o espaço urbano variam de um país para outro e ao longo do tempo. Por isso, Hornby & Jones (1991:3), consideram que a comparação dos níveis de urbanização³ em diferentes países é difícil. Macura (1961:23-31), considera o critério tamanho da população e estrutura ocupacional para explicar um lugar como urbano ou rural. Enquanto Simirnov (1972), George (1974), Beaujeu-Garnier (1983) e Araújo (1988), citados por Araújo (1997:19-21), afirmam que para definição do espaço urbano consideram-se os seguintes critérios: (i) o grau de industrialização; (ii) actividades não agrícolas; (iii) espaços contínuos; (iv) número de habitantes e (v) organização administrativa. Para além destes critérios, Ferrari (1994:12-22), inclui para a definição do espaço urbano a renda média per capita, equipamentos e serviços públicos.

De acordo com Carter (1974:381) e Derruau (1977:220), os centros urbanos crescem a partir de uma tríplice de aspectos: o primeiro aspecto é o espacial, o segundo é o funcional e o terceiro aspecto é o demográfico. Entretanto, Lattes (1991:62-71), defende que na análise do processo de urbanização deve-se ter em conta que a taxa de crescimento da população urbana sempre é maior que a taxa de crescimento da população rural.

A CNP/DNE (1989:14), considera que os factores demográficos que produzem diferenças entre as taxas de crescimento da população rural e urbana são os seguintes: o saldo migratório entre as zonas rurais e urbanas, a reclassificação das áreas rurais em

³ Segundo Hornby & Jones (1991:3), o nível de urbanização é dado pela proporção da população que vive nas áreas urbanas em relação a população total. É expressa em percentagem.

urbanas e por último o crescimento natural da população. Este crescimento, segundo George (1968:25), exige normalmente investimentos como a construção de habitação, maternidades, escolas e novos equipamentos para oferecer trabalho a população em constante crescimento. Singer (1970:230), considera que os efeitos da dinâmica populacional são sentidos simultaneamente tanto do lado da oferta como do lado da procura de bens ou infra-estruturas e serviços básicos por parte da população. Yunes (1971:150; 1980:321-323), fundamenta que os serviços de saúde são planificados combinando variáveis demográficas como a natalidade, a mortalidade, o tamanho da população e a composição por sexo e idade. Deste modo, segundo este autor, os níveis de saúde de uma população afectam todas as componentes da dinâmica populacional junto com as variáveis demográficas que, segundo Preziosi & Szamrecsányi (1980:316), condicionam o grau de atendimento e a qualidade dos serviços de educação.

De acordo com Tisdale (1942:311), "*a urbanização é um processo que envolve a concentração da população num determinado lugar*". Para Beaujeu-Garnier (1997:16-17), "*é o movimento de desenvolvimento das cidades, simultaneamente em número e em dimensão, isto é, o desenvolvimento numérico e espacial das cidades; ocupa-se de tudo o que está ligado à progressão directa do fenómeno urbano e transforma, pouco a pouco, as cidades ou os arredores e, frequentemente, umas e outros*". Bardet (1967:78), considera a definição de Tisdale (1942), como a que reflete melhor o aumento da população urbana em detrimento da população rural. Como resultado, ainda de acordo com este autor, surgem áreas de alta e baixa densidade que, segundo Clark (1971:498), sofrem a influência de factores como rendimento da população, ocupação profissional e elementos de gostos pessoais tais como, segundo Claval (1987:119), a necessidade de

tirar proveito da concentração, educação, assistência médica e de tirar do meio o que é indispensável ao alojamento. Atria et al (1975:11), define a urbanização como a transferência da população de assentamentos menores para assentamentos maiores demograficamente determinados por migrações, crescimento natural ou da reclassificação. Assim conceituada, segundo Ferrari (1994:33), a urbanização pode ser quantificada segundo um modelo matemático para o cálculo da taxa de urbanização anual ou a taxa de crescimento urbano anual⁴. De acordo com United Nations (1973:173), a migração é uma forma de mobilidade espacial entre uma unidade geográfica a outra, envolvendo mudança permanente de residência. E a reclassificação, segundo Atrial at al (1975:11), é a incorporação de áreas não urbanas em áreas urbanas.

Kopp (1976), citado por Lopes (1995:267), considera que nos países desenvolvidos a primeira manifestação da urbanização associou-se ao fenómeno de concentração da população de origem rural em determinados espaços geográficos provocado e incentivado pela revolução industrial. Renner & Pattara (1980:246), defendem que no período da revolução industrial houve conversão de camponeses e artesãos em trabalhadores assalariados o que reduziu a população agrícola por contínuas migrações para as cidades. Por isso, segundo Araújo (1997:101), a principal componente do crescimento da população urbana foi a migração campo-cidade durante um período longo.

$$^4 \text{ Taxa de urbanização} = \frac{U_n - U_o}{P_n + P_o} \times \frac{1}{n} \times 1000;$$

$$\text{Taxa de crescimento urbano anual} = \frac{U_n - U_o}{U_n + U_o} \times \frac{1}{n} \times 1000$$

Onde: U_n - população urbana no ano n ; U_o - população urbana no ano base; P_n - população total no ano n e P_o - população total no ano base.

De acordo com H. Carter (1989) e J. Borja (1990), citados pelo Araújo (1997:95), “ *As taxas de crescimento demográfico dos países desenvolvidos, durante a sua transição urbana, foram muito inferiores às que actualmente se observam nos países em desenvolvimento. Entre 1776 e 1971, as taxas de crescimento populacional nos países actualmente desenvolvidos foram cerca de 50% inferiores às que se observam hoje nos países em desenvolvimento. A isto junta-se o facto de, durante a segunda metade do século XIX e os primeiros 20 anos do século XX, a migração maciça de europeus para as antigas colónias (EUA, Canadá, América Latina, Austrália), aliviar, de forma evidente, a pressão sobre as áreas urbanas do «velho continente»*”.

Citando Araújo (1997:97), um outro aspecto que merece referência no processo de urbanização nos países desenvolvidos diz respeito ao emprego e ao crescimento económico na medida em que a transição urbana envolveu o crescimento das cidades povoadas por assalariados das indústrias e serviços. Mesmo assim, provocou problemas semelhantes àqueles que actualmente se observam nos países subdesenvolvidos embora com origem e dimensões diferentes.

Para o conjunto dos países subdesenvolvidos, segundo Derruau (1977:233), o processo de urbanização resume-se na concentração da população de origem rural nas grandes cidades principalmente as capitais nacionais ou regionais. Razão que explica, segundo Araújo (1997:127), um crescimento menor das pequenas cidades durante a década de 60 a 80 em relação às urbes capitais. Valentei et al (1987:241), considera que a maior parte dos países subdesenvolvidos apresentam uma taxa de urbanização baixa e elevados

ritmos de urbanização por causa do crescimento rápido das capitais das ex-colônias depois da independência dos respectivos países.

Autores como Rodwin (1967:99), Breese (1969:254) e Araújo (1997:118-119), defendem que a urbanização, nos países subdesenvolvidos, não é decorrência do surto da industrialização como nos países desenvolvidos. O êxodo rural é o fenómeno responsável, ao lado do crescimento natural, pelo grande crescimento das cidades dos países subdesenvolvidos. Crescimento esse, segundo os mesmos autores, que não é acompanhado pelas infra-estruturas e serviços urbanos básicos.

No continente africano, segundo Araújo (1997:119), a indústria também não teve um papel activo no processo de urbanização. O que se verificava neste continente foram aglomerações criadas como campos de assalariados para dar resposta às necessidades de mão-de-obra às agro-indústrias ou indústrias extrativas. O processo de urbanização, neste continente, segundo Caldwell (1973) e Foot (1993), citados por Araújo (1997:148-149), apresenta as seguintes características demográficas: *“(i) Apesar de a taxa de urbanização continuar relativamente fraca, a taxa de crescimento urbano é a mais elevada do mundo, e o continente passa por uma verdadeira «explosão urbana»; (ii) o crescimento natural da população, que já explica mais de metade da expansão urbana, mostra tendência para vir a desempenhar um papel ainda mais marcante. Em 1950 a emigração rural assegurava cerca de dois terços do crescimento urbano, enquanto em 1990 foi responsável por menos de metade; (iii) mesmo que África conhecesse uma queda importante da fecundidade urbana, a taxa de natalidade nas cidades continuaria elevada até ao ano 2000 devido ao efeito da estrutura etária; (iv) recentemente tem-se*

vindo a observar uma certa quebra da fecundidade nas cidade, mas logo após as independências, enquanto a taxa de urbanização duplicava, o índice de fecundidade média mantinha-se constante (cerca de 6,6 filhos por mulher); (v) as taxas de mortalidade, principalmente a infantil e juvenil, são nitidamente menores no meio urbano do que no campo, tendo diminuído cerca de 50% depois das independências”.

Segundo Hugon (1993), citado por Araújo (1997:146) e Forjaz (2000:37), os aspectos que distinguem o processo de urbanização em África, principalmente a África subsahariana, dentre vários, resumem-se nos seguintes: (i) as cidades africanas não se desenvolveram em ruptura com o meio rural porque na história africana a cidade sempre apareceu; (ii) o “informal” urbano satisfaz as necessidades da população excluída no sector estruturado.

O INE (1995:63-64), considera que a urbanização em Moçambique é relativamente recente. Um número considerável da população urbana é constituído por migrantes rurais principalmente jovens. A população urbana, segundo Lima (s.d:5), tem crescido como resultado do exodo rural movido pelo relativo desenvolvimento das cidades, por um lado, e por outro lado porque as restantes áreas são detentoras de uma economia débil em que a actividade agrícola depende das condições agro-meteorológicas e por último devido a guerra. De acordo com o mesmo autor, o fenómeno de urbanização surgiu e desenvolveu-se sob dois prismas diferentes. Primeiro para corresponder as necessidades crescentes das estratégias de desenvolvimento colonial e, segundo, para servir de núcleo de extensão para o desenvolvimento do “*hinterland*”. Deste modo, segundo Rita-Ferreira (1969:34-36) e Araújo (1991:72-88), as áreas com densidades

elevadas encontram-se no litoral como resultado do maior desenvolvimento económico que, desde o tempo colonial, caracterizou esta área.

Araújo (1991:72-88, 1997:126), fundamenta que em Moçambique os meios materiais, as infra-estruturas e os serviços urbanos não cresceram desde 1975 o que impede um desenvolvimento urbano. Surgem assim problemas que se opõem ao desenvolvimento das cidades como por exemplo, o aumento acentuado do desemprego que tem como consequência a proliferação das actividades informais que ocupa mais de 20% da população urbana e as dificuldades acrescidas das capacidades escolares e hospitalares. As pequenas cidades moçambicanas, segundo o mesmo autor, são habitadas por agricultores. Ainda de acordo com este autor, cidades como Cuamba, Lichinga, Muentepuez e Chókwé, tem mais de 50% da sua população activa a trabalhar na agricultura. O número destes tende a diminuir com o aumento da dimensão da aglomeração.

CAPÍTULO III

3. A CIDADE DE GURUÉ

A unidade espacial de análise corresponde às unidades adoptadas em estudos específicos para melhor pormenorização e organização da análise e da informação. Segundo Partidário (1999:49), considera-se três tipos diferentes de unidades espacial de análise nomeadamente, administrativas, geográficas e analíticas⁵.

A unidade espacial de análise neste trabalho é a unidade administrativa. A cidade de Gurué, como foi dito na metodologia, corresponde à área do posto administrativo sede. Possui seis localidades urbanas nomeadamente: localidade de Gurué, Muaquia⁶, Mucunha, Murrimo, Vehiua e Muximua; com um total de 65 bairros. Destes 33,8% estão na localidade de Gurué (tabela 1).

Infelizmente, como foi mencionado na metodologia, não foi possível apresentar a divisão administrativa da cidade utilizando o método cartográfico tendo em conta que a base de dados existente, quer na Direcção Nacional de Geografia e Cadastro (DINAGECA) quer no Ministério para a Coordenação da Acção ambiental (MICOA) no

⁵ Segundo Partidário (1999:49-50), Unidades administrativas referem-se as divisões administrativas oficiais, como a freguesia, o concelho, o distrito etc. Unidades geográficas correspondem a unidades naturais, definidas segundo critérios geográficos, como as unidades de paisagem, as bacias hidrográficas e as áreas protegidas. São normalmente adaptadas em estudos técnicos específicos, normalmente estudos biofísicos, uma vez que é difícil estabelecer uma correlação com as unidades administrativas. Unidades analíticas correspondem à divisão artificial do território para fins de cartografia automática ou de sistemas de informação geográfica e com objectivos transitórios, por exemplo a quadricula, a mancha etc..

⁶ A palavra Muaquia que vem nos resultados definitivos do IIRGPH (1997) não está correcta. A correcta é Muagiua

departamento de Ordenamento Territorial, vai até ao nível dos postos administrativos. A cidade de Gurué corresponde ao posto administrativo sede (Vide mapa 2).

**Mapa 2. Posto administrativo sede
(Cidade de Gurué)**

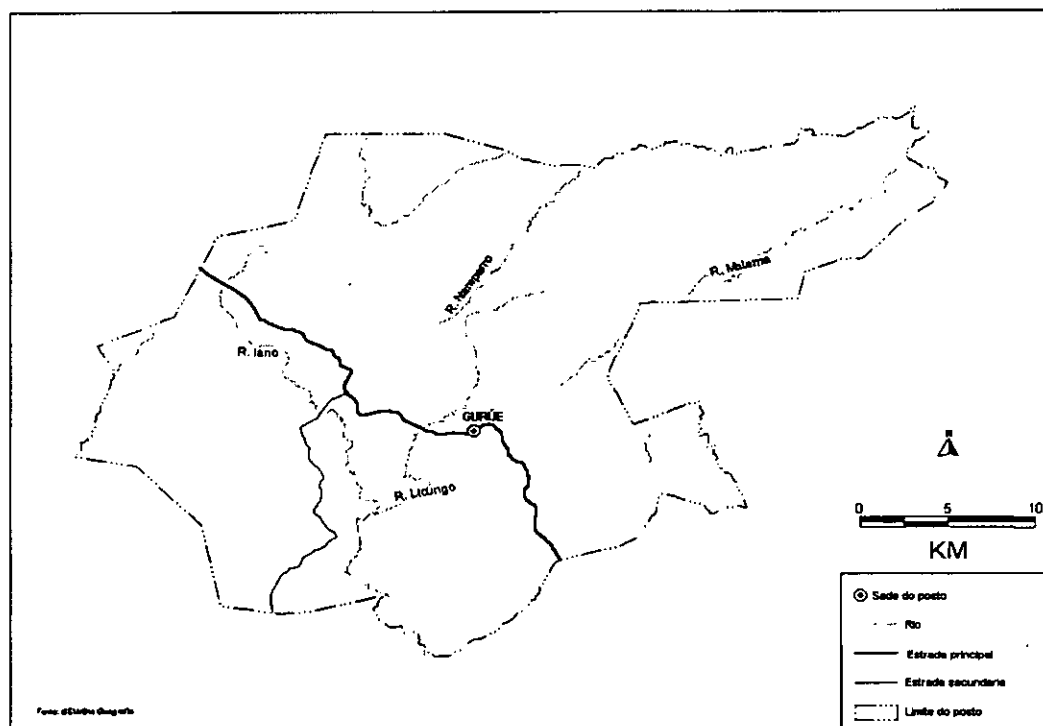


Tabela 1. Divisão administrativa da cidade de Gurué

	Localidades urbanas	N.º de bairros	%
Cidade de Gurué	Gurué	22	33,8
	Muaquia	8	12,3
	Mucunha	7	10,8
	Murrimo	14	21,5
	Vehiua	10	15,4
	Muximua	4	6,2
	Total	65	100

Fonte: adaptado pelo autor a partir do INE, 1997

3.1. Características da população da cidade

3.1.1. Evolução

De acordo com o censo de 97, a população da cidade de Gurué está estimada em 99335 habitantes sendo 49224 homens e 50111 mulheres numa área de 435 Km² e distribuída por seis localidades urbanas.

Tabela 2. Evolução da população da cidade (1991-2007)

População	1991	%	1997	%	2007(i)	%
Total	73392	100	99335	135.3	165158	225

Fonte: adaptado pelo autor a partir de dados da CNP/INE, 1991 e INE, 1997.

(i) população projectada

A CNP/DNE (1991) estimou 73392 habitantes para a cidade de Gurué. O que significa que houve um aumento, tomando como base o ano de 1991, de 35,3% em 1997. A taxa média anual de crescimento populacional, para o período, situa-se por volta dos 5,2%. Estima-se que, num período de dezasseis anos (1991 a 2007), a população da cidade de Gurué venha a ser mais que o dobro; um crescimento na ordem de 125% (tabela nº 2).

3.1.2. Distribuição espacial da população

A cidade de Gurué, como anteriormente foi mencionado, está organizada territorialmente em localidades urbanas. A população encontra-se mais concentrada junto a sede da localidade de Gurué e ao longo da estrada nacional nº 321. À medida que ela se vai afastando para o interior vai se tornando cada vez mais dispersa. Por isso, as localidades de Murrimo, Mucunha, Vehiua, Muaquia e Muximua os seus aglomerados

tem importância reduzido no conjunto urbano. Durante o trabalho de campo realizado pelo autor, constatou-se que a maior parte das áreas destas localidades estão cobertas de plantações de chá.

A distribuição da população da cidade de Gurué pelas seis localidades urbanas pode ser observada na tabela 3. Segundo esta tabela, a localidade de Gurué, composta por 22 bairros (cerca de 33,8% do total dos bairros), concentra quase metade da população da cidade, dos quais 42,4% são os homens e 40,3% são as mulheres. A localidade de Mucunha não atinge 10% da população da cidade.

Em toda a cidade existem 23 bairros mais populosos, com mais de 2000 habitantes cada distribuídos da seguinte maneira: 11 para a localidade de Gurué, 6 na localidade de Muaquia, 3 para Vehiua, 2 para Murimo e por último a localidade de Muximua com 1 bairro; somente um destes bairros (bairro de Mogar, localizado na localidade de Muaquia) possui um número de residentes superior a 4000 habitantes.

Tabela 3. Distribuição da população por sexo, segundo localidade urbana

Localidades urbanas	População						
	Homens		Mulheres		Total		
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	IM
Gurué	20844	42,4	20200	40,3	41044	41,3	103,2
Muaquia	8273	16,8	8827	17,6	17100	17,2	93,7
Mucunha	3267	6,6	3430	6,8	6697	6,7	95,2
Murrimo	6415	13	6659	13,3	13074	13,2	96,3
Vehiua	5409	11	5646	11,3	11055	11,2	95,8
Muximua	5016	10,2	5349	10,7	10365	10,4	93,8
Total	49224	100	50111	100	99335	100	98,2

Fonte: Adaptado pelo autor a partir do IIRGPH. Resultados definitivos Província da Zambézia 1997.

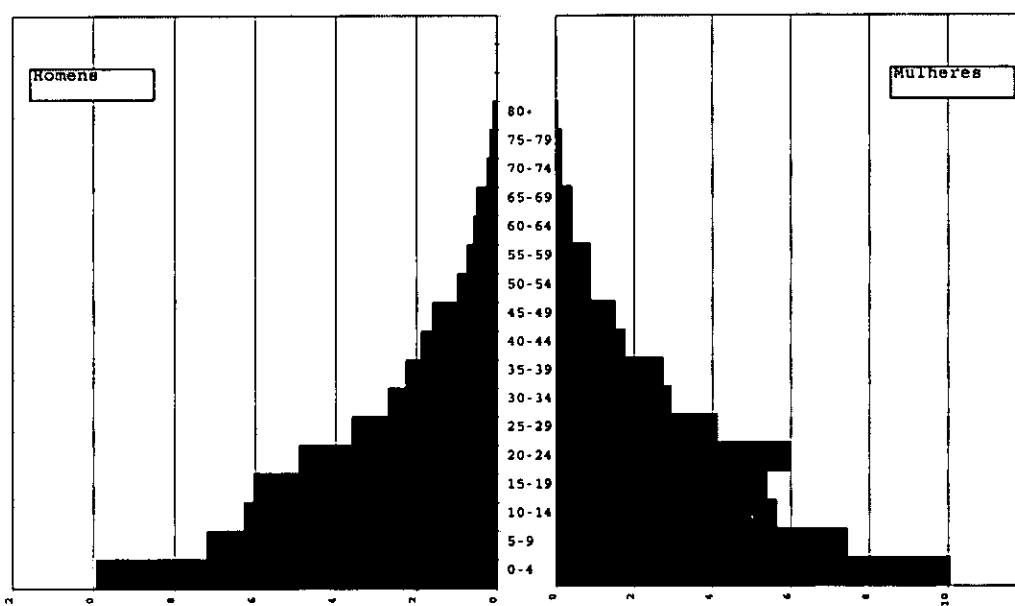
3.1.3. Estrutura etária e sexual

O IIRGPH 97, como sempre vem sendo mencionado neste trabalho, atribui a cidade de Gurué uma população de 99335 habitantes com uma razão de sexo de 98,2% (tabela 3). Em 1991, a população era de 73392 habitantes (35826 homens e 37566 mulheres) com uma razão de sexo de 95,4%. Constata-se que se observaram algumas alterações do ponto de vista da estrutura sexual durante este período (1991-1997); houve um aumento de número de homens em cada 100 mulheres. Em todas as localidades a população feminina é maior; excepto a localidade de Gurué (tabela 3).

O gráfico nº 1, ilustra a pirâmide etária e sexual da população da cidade de Gurué segundo o censo de 97. Segundo esta pirâmide, o número de homens é menor em relação ao de mulheres, nos primeiros anos de vida (0 – 4 anos).

A maioria da população da cidade é constituída por população activa que corresponde em termos percentuais 50,8%. E perto de metade da população da cidade(46,5%) têm menos que 20 anos. Enquanto que a população com 65 e mais não chega a atingir 2%, com uma tendência ao equilíbrio entre os homens e as mulheres (tabela 4 e gráfico 2). Esta situação tem se verificado em todas as localidades urbanas da cidade de Gurué excepto a localidade de Mucunha onde a população com 65 e mais ultrapassa 2% do total da localidade (vide anexo 1).

Gráfico 1. Pirâmide Etária da cidade de Gurué
(População Total em Percentagem da Cidade do Gurué)

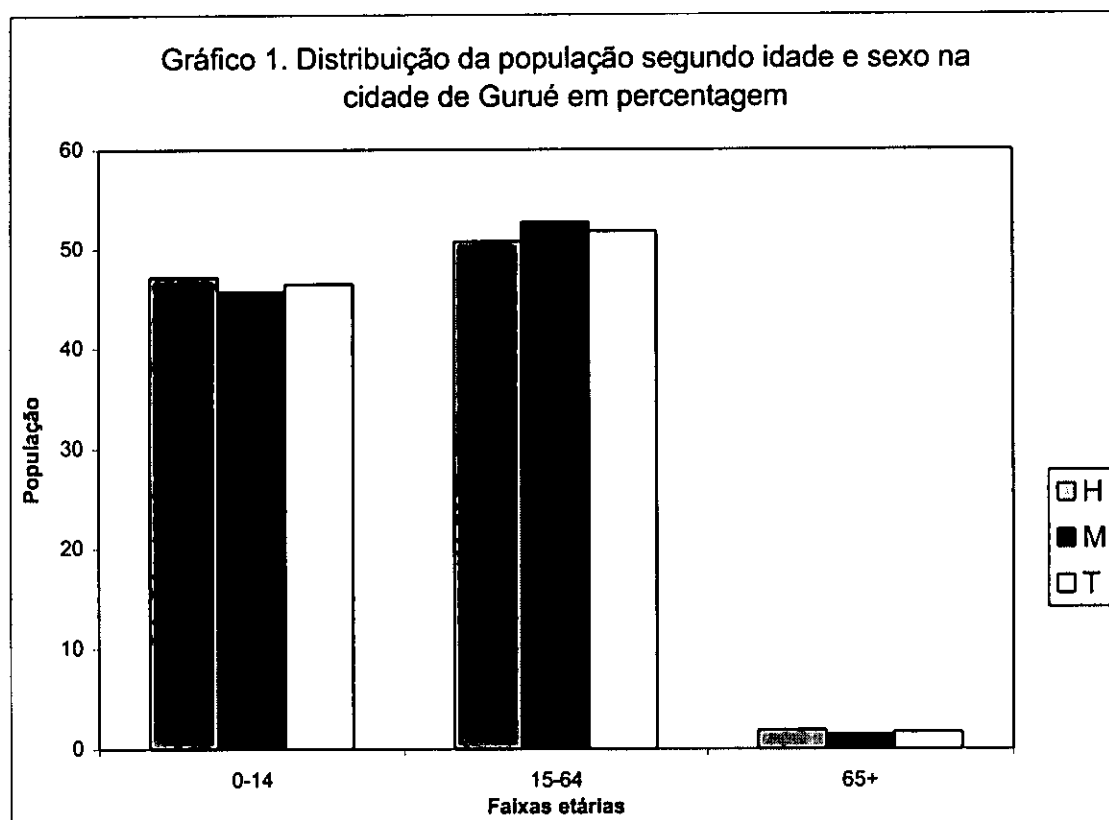


Fonte: INE, 1997

Tabela 4. distribuição da população segundo idade e sexo na cidade de Gurué

Faixas etárias	População					
	Homens		Mulheres		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
0-14	23217	47,2	22966	45,8	46183	46,5
15-64	25041	50,9	26430	52,7	51471	51,8
65 ⁺	966	1,9	715	1,5	1681	1,7
Total	49224	100	50111	100	99335	100

Fonte: Adaptado pelo autor a partir do II RGPH, 1997



Fonte: Adaptado pelo autor a partir do II RGPH, 1997

3.1.4. Ocupação da população

A maior parte das actividades económicas que se desenvolvem na cidade de Gurúé estão baseadas no aproveitamento dos recursos naturais como a terra para a prática agrícola, a produção de carvão, lenha e pesca. Existem também actividades ligadas aos serviços e comércio, embora em escala muito reduzida. Segundo o censo (1997) a agricultura, silvicultura e pescas são as principais actividades da população da cidade com cerca de 82,7% da população activa. Infelizmente, desde aquele censo, não existem na cidade, dados actualizados sobre o volume das actividades. Não existem entidades locais

encarregues de recolher dados nas unidades económicas ou, quando existem, faltam-lhes meios humanos e materiais para manter os dados actualizados.

No conjunto da população ocupada da cidade cerca de 81,6% pertencem ao grupo ocupacional de camponês, dentre os quais 93,5 são as mulheres e 70,8% são os homens. Para o grupo de altos diregentes e patrões, verifica-se somente para homens (é a ocupação que apresenta percentagem mais baixa entre a população ocupada, cerca de 0,1%) (tabela 5).

Tabela nº 5. População ocupada segundo sexo e ocupação principal na cidade de Gurué

Ocupação principal	População					
	Homens		Mulheres		Total	
	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%
AD/P	30	0,2	-	-	30	0,1
TU	54	0,3	6	0,0	60	0,2
TNU	259	1,5	44	0,3	303	0,9
A	134	0,8	24	0,2	158	0,5
ONA	2230	13,2	541	3,5	2771	8,6
AI	149	0,9	88	0,6	237	0,7
PC	1129	6,7	103	0,7	1232	3,8
PS	707	4,2	73	0,5	780	2,4
ED	74	0,4	6	0,0	80	0,2
C	11977	70,8	14328	93,5	26305	81,6
OA	77	0,5	20	0,1	97	0,3
OO	1	0,0	2	-	3	-
D	84	0,5	83	0,5	166	0,5
Total	16905	100	15318	100	32223	100

Fonte: Adaptado pelo autor a partir do II RGPH, 1997

Onde: AD/P- Altos Dirigentes/patrões, TU- Técnicos Universitários, TNU- Técnicos Não Universitários, A- Administrativos, ONA- Operários Não Agrícolas, AI- Artesão Independente, PC- Pequenos Comerciantes, PS- Pessoal de Serviço, ED- Empregados Domésticos, C- Camponeses, OA- Operários Agrícolas, OO- Outras ocupações, D- Desconhecidos.

Infelizmente não existem dados na cidade sobre o comércio informal. A análise deste aspecto, o autor baseu-se em simples constatações durante o trabalho do campo. O papel do comércio informal é, como em todas as cidades do país, relevante no sustento da população da cidade de Gurué. É do conhecimento do autor, que este tipo de comércio é muito polémico pois, existem muitas interligações entre o comércio dito informal e o formal, com maior destaque o grossista, o que torna difícil traçar uma linha entre formal e informal da economia, e entre diversas actividades por conta própria e as formas disfarçadas de subemprego e emprego fora das normas legais.

3.2. Infra-estruturas e serviços básicos

O tipo de habitação⁷ reflecte, de certo modo, as condições sócio-económicas das famílias. No conjunto da cidade, cerca de 92,39% das casas são do tipo palhota e habitadas por 92,35% dos agregados familiares⁸. Este tipo de casas, que são típicas do mundo rural em Moçambique, marcam uma forte presença, com cerca de 92,05% da população da cidade a viver nelas (tabela 6).

Tabela nº 6. Tipo de habitação segundo Agregado familiar e seus membros

Tipo de habitação	Nº. de casa	%	Agregado familiar (AF)	%	Nº. De pessoas	%
Moradia	959	4,21	981	4,26	4783	4,82
Flat/Apartamento	50	0,22	50	0,22	188	0,19
Palhotas	21062	92,39	21247	92,35	91255	92,05
Precárias	694	3,04	698	3,03	2782	2,81
Madeira/Zinco	26	0,11	26	0,11	109	0,11
Outras	6	0,03	6	0,03	24	0,02
Total	22797	100	23008	100	99141	100

Fonte: Adaptado pelo autor a partir do II RGPH, 1997

A maioria dos habitantes da cidade (94,4%) não tem acesso a electricidade nas suas residências (tabela 7 e 8). Isto é explicado pelo facto da maior parte das habitações (tipo palhota, cerca de 92,39% das habitações) não possuir condições para a instalação da electricidade. De acordo com uma fonte da Electricidade De Moçambique - EDM, é

⁷ O IIRGPH (1997), considerou os seguintes tipos de habitação: Moradia – é uma casa construída com materiais convencionais (blocos de cimento blocos de tijolos com cobertura de chapas de zinco ou de lusalite, telha e laje de betão); Flat/Apartamento, é um espaço destinado a habitação construído dentro de um prédio; Palhota – é uma casa cuja material predominante na construção original é de origem vegetal (caniço, capim, palha, palmeira, colmo etc); Precária, são habitações construídas com material improvisado e precário tal como papel, saco, latas, cascas de árvores etc.); Madeira/Zinco, são habitações cujas paredes e tectos são construídas com madeira e zinco; Outras, são habitações com características diferentes das categorias anteriores.

⁸ Segundo O IIRGPH (1997), agregado familiar (AF) é “todo o grupo de pessoas ligadas ou não por laços de parentescos, que vivem na mesma habitação e compartilham as despesas da casa”.

necessário primeiro inverter o cenário das habitações por parte dos residentes, e depois ampliar-se a rede eléctrica na cidade.

Tabela nº 7. Acesso a electricidade (% em relação ao número de habitação, agregados familiares e habitantes)

Abastecimento de electricidade	Habitação		Agregado familiar (AF)		Habitante	
	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%
Com electricidade	431	1,9	452	2,0	2442	2,5
Sem electricidade	21613	94,8	21797	94,7	93613	94,4
Desconhecidos	753	3,3	759	3,3	3086	3,1
Total	22797	100	23008	100	99141	100

Fonte: Adaptado pelo autor a partir do II RGPH, 1997

Tabela nº 8. Abastecimento domiciliário de energia eléctrica por tipo de residencia (% em relação ao número de habitante por tipo)

Abastecimento de electricidade	Total	Moradias	Flat/apartamentos	Palhotas	Madeira e Zinco	Précaria
Com electricidade	1,9	32,7	36,0	0,5	30,8	-
Sem electricidade	94,8	66,2	64,0	96,1	65,4	97,8
Desconhecidos	3,3	1,1	-	3,4	3,8	2,2
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: Adaptado pelo autor a partir do II RGPH, 1997

Cerca de 95,8% das casas da cidade de Gurué (habitadas por 95% habitantes da cidade) não tem água canalizada (tabela 9). A maioria destas casas abastecem-se em poços ou furos (64,5%) e rios ou lagos (29,5%). Em algumas vezes, principalmente esta última forma de abastecimento, sem condições mínimas de tratamento o que agrava a situação sanitária em momentos de eclosão da cólera ou outras doenças. As habitações com água

canalizada, cerca de 4,2%, são habitadas por um universo de 5% da população, dentre eles, 1,2% tem água canalizada dentro de casa e 3,8% fora de casa (tabela 9).

Tabela nº 9. Abastecimento de água (% em relação ao número de habitação agregado familiar e habitantes

Formas de abastecimento de água		Habitação	AF	Habantante
Água canalizada	Dentro	0,9	1,0	1,2
	Fora	3,3	3,4	3,8
Água não canalizada	Fontenários	1,7	1,7	1,7
	Poço ou furo	64,5	64,5	63,4
	Rio ou lago	29,5	29,4	29,9
	Outros	0,1	0,0	0,0
Total		100	100	100

Fonte: Adaptado pelo autor a partir do II RGPH, 1997

Em relação ao tipo de habitação, cerca de 97,4% das palhotas não têm água canalizada fora e muito menos dentro de casa. Dentre estes 95,8% abastecem-se do poço ou furo e rios ou lagos. As casas de madeira e zinco abastecem-se, maioritariamente, de água canalizada fora de casa ou em poços e furos (65,4%) (tabela 10).

Tabela nº 10. Condições de abastecimento de água por tipo de habitação (% em relação ao número total de habitações por tipo

Formas de abastecimento de água		Total	Moradias	Flat/ Apart	Palhota	Madeira ou Zinco	Precária
Água canalizada	Dentro	0,9	16,2	34,0	0,2	15,4	-
	Fora	3,3	25,8	-	2,4	26,9	-
Água não canalizada	Fontenários	1,7	6,7	2,0	1,5	7,7	-
	Poço ou furo	64,5	43,7	46,0	66,1	38,5	44,8
	Rio ou lago	29,5	7,5	18,0	29,7	11,5	55,2
	Outros	0,1	0,1	-	0,1	-	-
Total		100	100	100	100	100	100

Fonte: Adaptado pelo autor a partir do II RGPH, 1997

De acordo com Águas de Gurué, pela água canalizada, quer dentro assim como fora, são pagos 80.000,00Mt/mês/domicílio. Pela água dos fontenários são pagos 500,00Mt/lata de 20 litros. Durante o trabalho de campo, o autor constatou que existe uma distância considerável⁹ entre o ponto de captação de água (caso de fontenários e poços) e a maior parte das residências dos agregados familiares. Este aspecto, é agravado por limitados meios disponíveis na empresa de Águas de Gurué, por um lado, e, por outro, porque a rede de distribuição montada no período colonial está em estado avançado de degradação.

Tabela nº 11. Condições sanitárias na cidade (% em relação ao número de habitação, agregados familiares e habitantes)

		Habitação	AF	Habitante
Retrete	C/autoclismo	1,0	1,0	1,2
	S/autoclismo	0,8	0,8	0,9
Latrina		18,8	18,8	20,6
S/ latrina nem retrete		79,4	79,4	77,3
Total		100	100	100

Fonte: Adaptado pelo autor a partir do II RGPH, 1997

Para além do problema de água cima constactado, as condições de serviços sanitários são igualmente precárias. O sistema de saneamento está obsoleto. Cerca de 79,4% das casas da cidade não possuem qualquer tipo de retrete, nem sequer uma latrina fora de casa. Apenas 18,8% das casas têm latrinas¹⁰. Cerca de 77,3% dos habitantes (tabela 11) praticam o fecalismo a céu aberto, característica do mundo rural em Moçambique.

⁹ Distância (casa - fontenário/poço - casa) de mais ou menos dois a três quilómetros

¹⁰ Segundo uma fonte local, cerca de 66% destas casas beneficiaram do projecto latrinas melhoradas.

A distribuição espacial das infra-estruturas de saúde não é directamente proporcional com o número dos habitantes entre as localidades urbanas na cidade (tabela 12). A localidade de Gurué com maior número de habitantes tem duas unidades sanitárias do tipo centro de saúde. Ao contrário, a localidade de Vehiua, com uma população relativamente superior em relação a localidade de Muximua, tem duas unidades sanitárias do tipo posto de saúde (com uma razão de 5527,5 habitantes por cada infra-estrutura).

Tabela nº 12. Centros e Postos de saúde da cidade de Gurué

Localidades Urbanas	População	Infra-estrutura	Ration (Pop/infra.
Gurué	41044	2	20522
Muaquia	17100	1	17100
Mucunha	6697	1	6697
Murrimo	13074	1	13074
Vehiua	11055	2	5527,5
Muximua	10365	1	10365
Total	99335	8	12416,9

Fonte: Adaptado pelo autor a partir da informação da direcção Provincial de saúde da Zambézia, 1999/2000

Para além dos centros e postos apresentados na tabela 12, a cidade de Gurué tem um hospital rural localizado na localidade de Gurué que serve todos os doentes transferidos dos postos e centros de saúde da cidade e dos distritos de Namarroi e Íle. O hospital rural tem os serviços de pedeatría, medicina, ortopedia, banco de socorros, cirurgia, consultas pré-natais e serviços de maternidade. O pessoal de saúde não é suficiente para responder toda a pressão que os serviços são solicitados. Segundo DHRG (2002:5), na cidade de Gurué um médico está para 49667,5 habitantes e um enfermeiro está para 1712,7 habitantes.

De acordo com fontes hospitalares, em média, o hospital rural atende 123 doentes por dia. Dentre estes 30% vem dos distritos de Namaroi e Íle. Segundo a DHRG(2002:2), a cidade de Gurué, com baixo nível nutricional, precárias condições de higiene, limitada disponibilidade de água potável, está sujeita a muitas doenças infecciosas comuns, que se transformam em doenças mortais, devido a insuficiente presença dos serviços sanitários e escassa dotação de meios de diagnóstico e terapia. De acordo com a mesma fonte, a malária, diarreias, doenças respiratórias – incluindo a tuberculose – são as principais causas de mortes. A título de exemplo, a primeira causa de morte de crianças, com idade inferior a quatro anos, são ainda as diarreias. Enquanto os adultos morrem por doenças respiratórias e a malária.

Na cidade existem actualmente vinte e duas escolas, dentre elas, dizoito do primeiro grau, uma do segundo grau, duas primárias completas e uma secundária e Pré-universitária. São assistidas por um total de 921 professores, dos quais 586 são do EP1, 49 são de EP2, 251 são do EPC e 35 são do ensino secundário geral (do primeiro e segundo ciclo) (tabela 13). Existe também uma escola de Artes Ofícios que não se obteve nenhum dado, por isso não vem detalhado no trabalho.

Tabela 13. Número de professores e turmas segundo tipo de escolas na cidade de Gurué

Tipo de escola	N.º aluno	N.º professor	Ration (aluno/professor)
EP1	7130	586	12,2
EP2	386	49	7,9
EPC	3704	251	14,8
ESPU	1539	35	44,0
Total	12759	921	13,9

Fonte: DDEG, levantamento de 03 de Março, 2001

O efectivo estudantil do primeiro ciclo, cerca de 55.9% (percentagem calculada com base na tabela nº 13) da população estudantil, faz prever que a pressão da procura continuará nos níveis terminais, pelo que se torna urgente aumentar a curto/médio prazo os números das turmas destes níveis. Segundo a DDEG (2001), a maioria das crianças com a idade de estudar não o puderam matricular-se por falta de condições por parte dos seus familiares ou por falta de vagas nas escolas.

Tabela 14. Número de alunos por turma segundo tipo de escolas na cidade de Gurué

Tipo de escola	N.º aluno	N.º turma	Ration (aluno/turma)
EP1	7130	154	46,3
EP2	386	6	64,3
EPC	3704	19	194,5
ESPU	1539	48	32,0
Total	12759	227	56,2

Fonte: DDEG, levantamento de 03 de Março, 2001

Como pode-se ver na tabela 14, há maior número de alunos por turma na Escola Primária Completa (EPC). Este facto é devido a existência de três turnos nesta escola. Em toda a cidade existem 56,2 alunos por turma.

CAPÍTULO IV**4. DISCUSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Neste capítulo é abordada a problemática do crescimento da população na cidade de Gurué em relação às infra-estruturas e serviços urbanos básicos nomeadamente a saúde, educação, abastecimento da electricidade, água canalizada e as condições de saneamento do meio. Parece uma repetição do que foi abordado no capítulo anterior, no entanto, irá fornecer um quadro global dos assuntos anteriormente abordados, em termos de discussão e análise dos resultados.

Como pode-se constatar, a partir dos dados da tabela nº 2, existe um crescimento da população da cidade entre 1991-1997. Segundo uma fonte local, este crescimento foi motivado pela guerra civil. Aquando da enumeração da população e agregados familiares de cidades e alguns distritos e postos administrativos, em 1991, a cidade de Gurué tinha grande proporção da população refugiada e maioritariamente de origem rural considerada como migrante, segundo ACNUR/PNUD (1997), que representava cerca de 36.4% da população. Este dado vem confirmar ao defendido pelo Rodwin (1967:99), Bresse (1969:254) e Araújo (1997:118-119), que o exodo rural¹¹ é responsável, ao lado do crescimento natural, pelo grande crescimento das cidades dos países sudesenvolvidos. Este crescimento segundo UN (1990:85), implica sobrecarga

¹¹ Para o caso de Moçambique, Segundo Lima (sd:5), são causas do exodo rural o relativo desenvolvimento das cidades, da debilidade das economias rurais e por último devido a guerra civil.

das infra-estruturas, más condições sanitárias e de saneamento que, para a cidade de Gurué, apartir de dados disponíveis, é uma realidade.

A pirâmide etária e sexual da cidade de Gurué é jovem por ter uma base maior e o topo pontegudo (gráfico 1). Este tipo de pirâmide tem características de um País subdesenvolvido por possuir as seguintes características: a base larga e a forma em escadaria mostra a forte fecundidade e o predomínio da população jovem, cuja idade mediana é inferior a 17 anos. Como fundamenta Claval (1987), se a base da pirâmide for maior em relação aos efectivos das classes em idade de procriar maior será a taxa de fecundidade. As pirâmides com base maior e o topo pontegudo, segundo Thompson e Liwis (1965), citados por Berquö (1980), apresentam as seguintes características: alta natalidade; acentuado crescimento populacional devido à marcante redução da mortalidade infantil e na infância; idade mediana baixa e a razão de dependência maior. Com estas características a pirâmide da cidade de Gurué indica um crescimento contínuo da população e uma explosão demográfica futura. A proporção de pessoas nos grupos etários mais avançados continua ainda pouco expressiva (tabela 4).

A razão de dependência da cidade de Gurué é de 93%¹² que de certo modo é elevada. De acordo com Berquö (1980), normalmente razões de dependência com valores similares são vistas como reflectindo desvantagens económicas uma vez que se supõe que os menores de 15 anos e as pessoas mais idosas contribuam muito pouco para o processo económico. Mas nos países menos desenvolvidos, segundo Gonçalves (1973), citado por Berquö (1980), a razão de dependência pode não ser um indicador real porque

¹²Calculado com base no Censo de 97. "Resultados definitivos: Provincia da Zambézia- distrito de Gurué", Maputo.

superestima a dependência por não levar em consideração a entrada prematura dos jovens na força de trabalho e a saída tardia dos mais velhos, que se dá, em geral, devido à mortalidade.

Em termos de distribuição espacial da população a localidade de Gurué sede concentra a maior parte da população da cidade (tabela nº 3). Ao mesmo tempo é esta localidade onde se encontram concentradas a maior parte das empresas de processamento de chá factor que condicionou, outrora, maior atração da população. Durante o trabalho do campo, o autor constactou que é nesta localidade que se encontram concentradas as casas do tipo moradia e flat/apartamento (tabela 6). O que comprova que as restantes localidades são as que apresentam mais agregados familiares a viverem nas casas do tipo palhotas (92,35%). O tipo de habitação na cidade revela diferenças evidentes entre a localidade sede e as outras localidades em termos do material usado.

A maioria da população economicamente activa na cidade, cerca de 82,7%, encontra-se na agricultura, silvicultura e pescas segundo os resultados do censo de 97. Estes resultados provam o contrário ao observado na análise teórica. De acordo com Beujeu-Garnier (1997:16) a população urbana tem que ter uma profissão fora da agricultura ou pesca e pertencer a um grupo de indivíduos com o mesmo tipo de actividades. Os resultados também entram em contraste com um dos critérios para a definição do urbano defendido por Simirnov (1972), Gerge (1974), Beujeu-Garnier (1983) e Araújo (1988) mencionados na revisão bibliográfica.

No entanto, por mais que seja a proporção da população activa a laborar no ramo da agricultura, silvicultura e pescas, como anteriormente foi mencionado, a designação de cidade, segundo Araújo (1997:126), parece justificada porque os agricultores são apenas uma componente de um lugar que representa uma ruptura em relação a aldeia, um lugar cuja razão de ser, e da característica principal do ponto de vista de mudança social está profundamente nas suas funções não agrícolas e no seu papel de enquadramento. No caso da cidade de Gurué, embora a maioria da população economicamente activa tenha declarado como agricultor (82,7%) no IIRGPH (1997), pratica outras actividades de rendimento com maior incidência o comércio informal. Produzem produtos, desde hortícolas aos cereais e trocam no mercado informal com produtos que não possuem como a roupa, rádio, sal, bicicletas com comerciantes que vem, principalmente do Malawi, Nampula e Quelimane. Por outro lado, segundo Araújo (1997:126), as pequenas e médias cidades em Moçambique tem mais de 50% da população activa a trabalhar na agricultura e, o número destes, só diminue com o aumento da dimensão da aglomeração.

Acima de 75% da população da cidade não tem acesso aos serviços de abastecimento de água canalizada, electricidade e serviços sanitários (tabela 7, 9 e 11). Estes resultados revelam a existência do desequilíbrio entre os serviços básicos e a população. Ao analisar este facto é preciso ter em conta que a maior parte das cidades moçambicanas, segundo Araújo (1997), os meios materiais, as infra-estruturas e os serviços não cresceram desde 1975 o que impede um desenvolvimento urbano. Ainda de acordo com este autor, as qualidades, quantidades e manutenção das infra-estruturas nas cidades africanas é extremamente deficitária. Dando uma referência a Moçambique, o mesmo autor considera que as infra-estruturas urbanas são deficitárias e não respondem a

metade da população urbana e ao mesmo tempo apresentam uma grande degradação por faltar a componente de manutenção.

Citando Lima (s.d:3), "*após a independência de Moçambique em 1975, verificou-se uma estagnação do crescimento infraestrutural urbano enquanto que o crescimento dos seus habitantes manteve sempre um ritmo de crescimento contínuo*". Porém, ainda de acordo com este autor, "*nos anos oitenta o êxodo rural veio agravar ainda mais a situação, até a índices imprevisíveis, por exemplo, a cidade de Maputo de 1980 a 1991 teve um crescimento de 1.62 vezes mais ou seja, que Maputo quase que duplicou a sua população em apenas 10 anos*". De igual modo, a partir do momento em que a cidade de Gurué ascendeu a categoria de cidade, em 1986, o crescimento populacional tornou-se cada vez maior. E para as projecções do 2007 indicam que a população será mais que o dobro (tabela nº2).

O crescimento desproporcional entre a população e as infraestruturas, segundo Adas (1979:62), constitui um problema de difícil solução se aliarmos as condições sócio-económicas de cada país. No caso concreto da cidade de Gurué a situação tende a ser ainda pior porque, no período pós-independência, com maior destaque antes da década de noventa, o crescimento da cidade resultou mais do êxodo rural (assalariados da empresa de EMOCHÁ e refugiados de guerra) em relação ao crescimento natural.

Para uma cidade com uma taxa de crescimento urbano na ordem dos 5,2% ao ano deveria implicar um crescimento das infra-estruturas urbanas na mesma proporção. Assim assiste-se, na cidade, uma série de problemas, alguns dos quais típicos dos países

subdesenvolvidos que não encontram respostas das autoridades administrativas, nomeadamente: abastecimento de água, energia, serviços de saúde, educação, desemprego, marginalidade e prostituição.

Como pode-se notar nos capítulos anteriores o abastecimento dos serviços como a água, electricidade e saneamento constitui grande problema na cidade de Gurué. Este aspecto ainda toma proporções assustadoras se se tomar em linha de conta que a população da cidade aumenta e as infraestruturas mantêm-se na mesma e em constante degradação. Dai que a maioria dos cidadãos não beneficiam de pelo menos a quantidade média de água necessária para as necessidades individuais que segundo Lima (s/d:13), é de cinquenta a sessenta litros por pessoa por dia, quer para preparar os seus alimentos, quer para a higiene pessoal e limpeza doméstica.

“As fontes energéticas são igualmente de importância capital para as concentrações urbanas. Em cidades como as moçambicanas onde a energia consumida é a electricidade e lenha, cria por si vários aspectos negativos à biomassa florestal. Isto porque com o aumento das tarifas de energia eléctrica aumenta o consumo do combustível lenhoso e conseqüentemente a destruição das massas florestais, bastante úteis para o equilíbrio ecológico”(Lima, s/d:14). Para o caso da cidade de Gurué, o problema não reside só nos aumentos das tarifas de energia eléctrica mas também nas condições das habitações que não são compatíveis para uma instalação eléctrica. Basta reparar a percentagem da população que não têm acesso a energia eléctrica (94,4%) é suficiente perceber que o consumo do combustível lenhoso é bastante elevado o que afecta de certo modo a biomassa florestal ao redor. Na opinião do autor, esta situação

não será de fácil solução tendo em conta que a maior parte da população moçambicana vive abaixo da linha de pobreza¹³ segundo conclusões do estudo apresentado no Seminário Nacional de divulgação do PARPA e dos PPPDH (2000)

“A concentração urbana acarreta consigo o pior e a melhor das coisas. O pior, porque pela promiscuidade, pela acumulação, pelos contactos esporádicos, favorece muito a propagação de epidemias, a proliferação de doenças associadas à miséria e às desadaptações aos complexos patogénicos habituais. A melhor, porque permite a instalação de um poderoso equipamento sanitário, a multiplicidade de especialistas, a rapidez e a eficiência dos tratamentos”(Beaujeu-Garnier 1980 in: Lima s.d:12). Na cidade de Gurué a situação tende a ser a pior não só pela propagação das epidemias ou proliferação de doenças¹⁴, mas também por carência de equipamentos e pessoal para satisfazer o grande afluxo de doentes que solicitam os postos e o único hospital rural existente. Este aspecto, associado com a falta de recursos financeiros debelita totalmente todo o sistema de saúde da cidade. É verdade que em comparação com outros hospitais dos distritos vizinhos, a cidade possui um razoável equipamento sanitário e um tratamento minimamente eficiente.

“A educação é de suma importância e permite aos membros do agregado familiar a aproveitar as oportunidades do crescimento económico”(CNP, 1991:12-13). O constante aumento de crianças a escola, principalmente para os primeiros níveis, numa situação onde o ensino este é gratuito nos primeiros níveis, põe hoje um sério problema de

¹³ Cerca de 69,4% da população moçambicana vive abaixo da linha de pobreza.

¹⁴ Cerca de 93,3% da população abastecem-se de água do poço/furo sem nenhum tratamento (tabela 9) e cerca de 77,3% da população não tem latrina nem retrete nas suas residências (tabela 11).

aumento de custos de gestão das infra-estruturas, actualmente à inteira responsabilidade do Estado. Com a implementação da autarquia do Gurué, através da Lei 2/97 de 11 de Janeiro, parte desta responsabilidade passou para o município, que, actualmente se depara com grandes dificuldades financeiras.

CAPÍTULO V**5. CONCLUSÃO**

Ao longo deste trabalho sempre procurou-se entender as dinâmicas e as relações entre a população e as infra-estruturas e serviços tais como a habitação, abastecimento de água canalizada, abastecimento de electricidade, do saneamento do meio, dos serviços da educação e os serviços de saúde na cidade de Gurulé. Para tal, partiu-se dos seguintes pressupostos: (i) a população cresce em relação as infra-estruturas e os serviços; (ii) Existe uma relação desequilibrada entre a população e as infra-estruturas e serviços, e (ii) a distribuição das infra-estruturas e serviços não é equilibrada dentro do espaço urbano.

Da análise dos resultados conclui-se que a cidade de Gurulé, capital do distrito do Gurulé, conheceu um crescimento populacional na ordem de 35,3% com uma taxa média anual de crescimento de 5,2% no período de 1991 a 1997. Este crescimento é explicado pela guerra civil. A sua população é constituída na sua maior parte (50,8%) por população activa com uma razão de sexo de 95,4%. As estimativas para o ano 2007 apontam um crescimento mais que o dobro.

Não existe uniformidade na distribuição espacial da população. A localidade de Gurulé concentra quase metade da população da cidade (41,3%). A localidade com uma proporção menor da população é Mucunha (6,7%). Cerca de 82,7% da população da cidade praticam agricultura, pesca e silvicultura.

Quanto a relação entre a população e as infra-estruturas e serviços o desequilíbrio é evidente. Cerca de 92,35% dos agregados familiares vivem em casas do tipo palhota características do espaço rural em Moçambique. 94,7% não têm acesso a electricidade e 95,6% não tem água canalizada nas suas casas. O que significa que, na cidade de Gurué, acima de 90,0% dos agregados familiares não têm acesso aos serviços de abastecimento de água canalizada, electricidade e saneamento.

Há uma distribuição irracional entre as infra-estruturas (saúde e educação) e a população nas localidades da cidade. As localidades com um número elevado da população têm um número reduzido das infra-estruturas. O pessoal especializado para um bom funcionamento destas infra-estruturas é muito reduzido.

BIBLIOGRAFIA

- ADAS, Melhem, 1979. *Estudos de Geografia*, 2ª edição, São Paulo.
- ACNUR/PNUD, 1997. *Perfis de desenvolvimento Distrital*, Província da Zambézia distrito de Gurué, Maputo.
- ARAÚJO, G. M, 1991. "Migrações internas e o processo de urbanização". In: *Dinâmica Demográfica e processos Económicos, Sociais e Culturais*, série população e desenvolvimento, documento nº 2, Maputo, 1991, pp.72-88.
- _____ 1997. *Geografia dos povoamentos: Assentamentos humanos rurais e urbanos*, Livraria Universitária, UEM, Maputo.
- ATRIA, R. et al, 1975. *Urbanización, Estructura urbana y Dinamica de Poblacion*, Seminário organizado por Asociacion Colombiana da Facultades de Medicina, Consejo Latinoamericano de Ciencias sociales, Commision de poblacion y desarrollo, Bogotá, Colombia.
- BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline, 1997. *Geografia Urbana*, 2ª ed., Fundação Calouste Gulbenkin, Lisboa.
- BARDET, Gaston, 1967. *El Urbanismo*. Boenos Aires: Eudeba.
- BERQUÖ, Elza S. 1980. Factores estáticos e dinâmicos –Mortalidade e Fecundidade, In: Santos, Levy e Szmrecsányi (organ.), *Dinâmica da População: teoria, métodos e técnicas de análise*, Vol. 3, Série 2, São Paulo, pp. 21-85.
- BOLBO, M., 1994. *Povera, Grande Città: L'urbanizzazione nel terzo mondo*, Fanco Angeli, Milano.

- BREESE, Gerald, 1968. *La Urbanizacion en los Paises De Desenrrolo Reciente*. UTEH; México.
- CALDWELL, J. 1975. *Population Growth and socioeconomic change in West Africa*, Population Council New York and London, Columbia University Press.
- _____ 1979. *Education as a factor in mortality decline: an examination of Nigéria* Date, trabalho apresentado no "meeting on socioeconomic Determinants and Consequences of Mortality", México.
- CARTER, Horald, 1974. *El Estudio de la Geografia Urbana*. Madrid: Instituto de estudos de Administração Local.
- CLARK, Colin, 1971. *Crescimento da População e Utilização da Terra*, Porto.
- CLAVAL, Paulo, 1987. *Geografia de Homem:cultura, Economia e sociedade*, Livraria Almada, Coimbra, Portugal.
- CNP/DNE, 1989. Gabinete central de estatística: *'Enumeração da população e Agregados familiares das cidades e alguns Distritos e Postos administrativos de Moçambique'*, Série: Estimativas Demográficas, Doc. Nº 1, Maputo.
- _____, 1991. Unidade de População e Planificação, 1991. Indicadores para acompanhamento da situação Social, Económica e Demográfica dos agregados familiares, Série: Documentos de trabalho nº 2, Maputo.
- CNP/DNE, 1996. Contribuição para a definição do conceito urbano para o Censo de 1997 em Moçambique, Maputo.
- DE CARVALHO, Ana Pires, 2000. *Glossário Demográfico, Centro de estudo da população*, UEM, Maputo.
- DERRUAU, Max, 1977. *Geografia Humana II*, 2º ed. Lisboa.

- DIAS, Saul, 1981. Glossário Toponómico, Histórico-Administrativo, Geográfico e etnográfico de Moçambique, Lisboa.
- DIRECÇÃO PROVINCIAL DE SAÚDE DA ZAMBÉZIA, 1999. *XIX Conselho Coordenador Provincial-1999*, Quelimane.
- DIRECÇÃO DO HOSPITAL RURAL DO GURUÉ, 2001. *Relatório da situação hospitalar no período 2000/2001*, Gurué.
- DIRECÇÃO DISTRIAL DA AGRICULTURA E DESENVOLVIMENTO RURAL DO GURUÉ, 2000. *Relatório sobre a situação actual do Chá*, Gurué.
- DIRECÇÃO DISTRIAL DA EDUCAÇÃO DO GURUÉ, 2001. *Levantamento 3 de Março de 2001*, Gurué.
- FERRARI, Célio, 1994. *Curso de Planeamento Municipal: Urbanismo*, editor Pioneira 5ª ed. São Paulo.
- FORJAZ, José, 2001. *Tradição urbana em África*, MOÇAMBIENTE nº 40, MICOA, Maputo, p. 31-38.
- GEORGE, Pierre, 1968. *Panorama do Mundo actual*. Difusão Europeia do Livro, 2ª Edição, São Paulo .
- Gil, Carlos António, 1989. *Métodos e técnicas de Pesquisa Social*, Brasil –SP.
- GONÇALVES, M., 1973. *A População Brasileira de 1872-1970: crescimento e composição por idade e sexo*, caderno nº 6, São Paulo, CEBRAP.
- HIDROTÉCNICA PORTUGUESA (HP), 1972. *Plano Geral de Urbanização da Vila Junqueiro*, Lisboa.
- HORNBY, William and JONES, Melvyn, 1991. *An Introduction to Settlement Geography*, Cambridge University Press.

INE, 1995. Moçambique: Panorama Demográfico e Sócio-económico, Série: Inquérito Demográfico Nacional, Documento nº 5, Maputo.

_____, 1997. II Recenseamento Geral da População e Habitação (II RGPH): resultados definitivos, província da Zambézia, Maputo.

INSTITUTO NACIONAL DE PLANEAMENTO FÍSICO (INPF), 1986. *Moçambique – Divisão territorial*, Maputo.

_____, 1993. *Plano de Desenvolvimento Integrado da região de Mocuba*, Maputo.

LATTES, A. Enrique, 1991. “*Distribuição espacial, urbanização e migrações*” in: Comissão Nacional de Plano & Direcção Nacional de estatística, *Dinâmica Demográfica e processos Económicos, Sociais e Culturais*, série população e desenvolvimento, documento nº 2, Maputo, p. 62-71.

LIMA, João Carlos Mendes (s/d). *A Urbanização em Moçambique no pós independência*, Ficha de leitura da cadeira de Geografia dos Povoamento, Departamento de Geografia, UEM 2001/2002.

LOPES, A., 1995. *Desenvolvimento Regional: problemática, teoria e modelo*, 4ª ed. Fundação Calouste Gulbenkim, Lisboa.

MACURA, Milos, 1961. The influence of the definition of urban place on the size on the urban population. in: Jack (editor), *Urban research methods*. Princeton: D. Van Norstrad.

MINISTÉRIO DE ADMINISTRAÇÃO ESTATAL (MAE), 1998. *Folha Informativa dos 33 Municípios*, Maputo.

PARTIDÁRIO, Matia Do Rosário, 1999. *Introdução ao Ordenamento do Território*, Universidade Aberta, Lisboa.



- PRESTON, S.H., 1978. *Mortality, Morbidity and Development*, trabalho apresentado no Seminary on Population and development in the ECWA Region. TISDALE, Hope, 1942. *The process of urbanization*, Social Force.
- RENNER, Cécilia & PATARRA, Neid. "Migrações". In: Santos, Levy e Szmrecsányi (organ.), *Dinâmica da População: teoria, métodos e técnicas de análise*, Vol. 3, Série 2, São Paulo, 1980, pp. 236-260.
- RICÓN, Manuel, 1984. *Distribución espacial y migraciones internas: Aspectos metodológicos*, Centro Latino-americana, Série nº 1009, San José, Costa Rica.
- RITA-FERREIRA, António, 1969. "O Exodo Rural e a industrialização": indústria de Moçambique, Vol. 2, Lorenço Marques.
- RODWIN, Lloyd, 1967. *Planejamento urbano em Países em Desenvolvimento*, Rio de Janeiro: FGV.
- SANTOS, Jair, "Princípios de análise e projecção" in: Santos, Levy e Szmrecsányi (organ.), *Dinâmica da População: teoria, métodos e técnicas de análise*, Vol. 3, Série 2, São Paulo, 1980, pp. 103-155.
- SMALL, J., WITHERICK, M. 1992. *Dicionário de Geografia*, Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- SINGER, Paul Israel, 1970. *Dinâmica populacional e desenvolvimento*, São Paulo, Edições Cebrap.
- UNITED NATIONS, 1973 *The Determinants and Consequences of Population Trends*. Nova York, vol. I, 1973.
- _____, 1990. *World urbanization prospects: Population Division*, New York.
- VALENTEI et al, 1987. *Teoria da População*, ed. MIR, Moscovo.

ANEXOS

Anexo 1.

Distribuição da população segundo idade e sexo na localidade de Gurué – Cidade de Gurué

Faixas etárias	População					
	Homens		Mulheres		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
0-14	9473	45,45	9456	46,86	18929	46,12
15-64	11072	53,12	10528	52,12	21600	52,63
65 ⁺	299	1,43	216	1,07	515	1,25
Total	20844	100	20200	100	41044	100

Fonte: Adaptado pelo autor a partir do II RGPH, 1997

Distribuição da população segundo idade e sexo na localidade de Muaquia – Cidade de Gurué

Faixas etárias	População					
	Homens		Mulheres		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
0-14	3957	47,8	3970	45,0	7927	46,4
15-64	4124	49,9	4722	53,5	8846	51,7
65 ⁺	192	2,3	135	1,5	327	1,9
Total	8273	100	8827	100	17100	100

Fonte: Adaptado pelo autor a partir do II RGPH, 1997

Distribuição da população segundo idade e sexo na Localidade de Mucunha – Cidade de Gurué

Faixas etárias	População					
	Homens		Mulheres		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
0-14	1644	50,3	1605	46,8	3249	48,5
15-64	1532	46,9	1761	51,3	3293	49,2
65 ⁺	91	2,8	64	1,9	155	2,3
Total	3267	100	3430	100	6697	100

Fonte: Adaptado pelo autor a partir do II RGPH, 1997

Distribuição da população segundo idade e sexo na localidade de Murrimo – Cidade de Gurué

Faixas etárias	População					
	Homens		Mulheres		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
0-14	3043	47,4	3071	46,1	6114	46,8
15-64	3229	50,4	3472	52,2	6701	51,3
65 ⁺	143	2,2	116	1,7	259	1,9
Total	6415	100	6659	100	13074	100

Fonte: Adaptado pelo autor a partir do II RGPH, 1997

Distribuição da população segundo idade e sexo na localidade de Vehiua - Cidade de Gurué

Faixas etárias	População					
	Homens		Mulheres		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
0-14	2590	47,9	2472	43,8	5062	45,8
15-64	2711	50,1	3091	54,7	5802	52,5
65 ⁺	108	2,0	83	1,5	191	1,7
Total	5409	100	5649	100	11055	100

Fonte: Adaptado pelo autor a partir do II RGPH, 1997

Distribuição da população segundo idade e sexo na localidade de Muximua - Cidade de Gurué

Faixas etárias	População					
	Homens		Mulheres		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
0-14	2510	50,0	2392	44,7	4902	31,2
15-64	2373	47,3	2856	53,4	5229	33,3
65 ⁺	133	2,7	101	1,9	234	1,5
Total	5016	100	5349	100	10365	100

Fonte: Adaptado pelo autor a partir do II RGPH, 1997